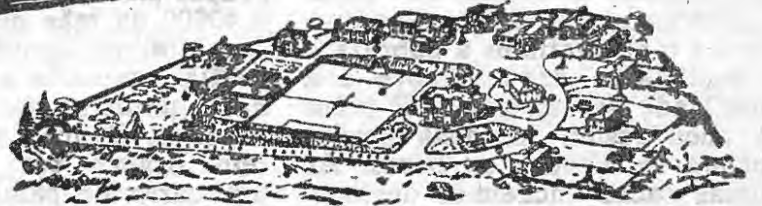


Redacção, Administração e Propriedade CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5-4878	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Vales de correio para PAÇO DE SOUSA



Visado pelo
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII - N.º 303 - PREÇO 1500

HOMENS DO GOVERNO

Por homem do Governo tomamos nós um que é escolhido e chamado. Jura. Recebe o poder. Toma contacto com os negócios da sua pasta, e depois começa a edificar e a dizer. De maneira que, ao apresentar-se, já não é um homem qualquer, por causa do seu investimento. Já se não pertence. Não pode falar de si. Ele jurou! De igual sorte, o povo não vê nem escuta um homem a falar. Este desaparece. Fica o ministério.

Foi assim que todos os portugueses receberam a doutrina do senhor doutor Veiga de Macedo, Ministro eleito das Corporações, quando recentemente falou em Lisboa.

Ora como todo o seu discurso é um gládio, nós ficamos a rezar. Não pedimos a Deus que o tire do seu sítio. Não senhor, não pedimos; nem Ele quer: «bater-nos-emos esquecidos por uma chama interior que teima em não se extinguir».

Porém, se tanto for necessário, queremos sofrer na nossa carne e no nosso espírito afirm de merecer

a Deus a graça de o livrar das insidias dos homens, já que Ele, o Ministro da Nação, se sente inclinado «a fazer seus, os sofrimentos e dificuldades dos trabalhadores.»

«Nem pressões do número nem efervescência injustificada das massas. Não, que o nosso estilo de trabalho é outro.» Pedro, Paulo ou Apolo não contam. Então quê? A Organização Corporativa. «Há, graças a Deus, entidades que sabem cumprir o seu dever. Mas também há, ainda, infelizmente os patrões que estão longe de merecer a situação que disfrutam. Pois bem; a lei não se curva. A justiça não há-de ser uma palavra vã no nosso vocabulário.»

As águas do Tejo assim como o nosso céu, têm sido abertos a demonstrações do chamado poder. Nós não acreditamos. É o mundo. O mundo tem necessidade destas fraquezas, sim, e mostra-as cuidando que são forças. Mas não. *Mete a espada na bainha.* A força está toda e somente na Justiça. Ela é a arma.

Da presença de motivos religiosos em tantas manifestações da vida social, pode muita gente mal avisada concluir que a Igreja enferma, ou, pelo menos, influi aquela vida.

Ora tal não é, por mal da sociedade. Até, quase sempre, a Igreja está ali a mais, naquelas manifestações! É uma convidada de circunstância, cuja presença enfeita e dá brilho. O que há de aparentemente religioso é um número a encher programa. Por isso digo de *aparentemente* religioso.

A Igreja é a face temporal e visível do Reino de Deus. E este Reino é primária e essencialmente interior, embora revista uma forma externa e colectiva. Foi dito por Cristo semelhante a uma semente de mostarda que crescerá lenta mas seguramente até ao fim dos tempos, após o que atingirá a perfeição definitiva.

A semente primeiro é lançada à terra e aí viverá escondida enquanto dá raízes e o caule não rompe. Folhas, flores e frutos são

para mais tarde. Mas nunca serão se a raiz morrer.

A semente é depositada na alma no momento do Baptismo e cada um, pelo seu esforço, tem de a desenvolver até que se torne um grande arbusto. Como esta semente, a mesma semente, é posta na alma de todos os baptizados, a própria Igreja, sociedade visível formada por estes, se pode comparar a ela. E a árvore vai crescendo na medida em que os cristãos crescem em número e em santidade.

Por isso o Reino cresce sempre em progresso sem retorno, posto pudesse e devesse crescer com uma bem maior exuberância.

Sucede que surgem cidadãos do Reino, sobre quem se não exerce a realeza de Cristo. Mas estes nem sempre têm coragem de deixar transparecer a falsidade da sua cidadania. E então, como a raiz do Reino em suas almas está embotada, vão colher ramos da árvore verdadeira, a fingir que também ela é uma realidade viva neles.

Engano! A árvore verdadeira continua viva e até aqueles ramos emprestados, não morrem, posto percam algo do seu viço. Somente o plantio não resulta, porque o Reino começa em semente de mostarda e em cada um só cresce desse grão.

A cristificação da sociedade não se resolve pois com flores transplantadas que cedo estiolam. É necessário que a semente de cada um seja tratada por cada um e o tratamento consiste na aceitação da realeza de Cristo. Ele é verdadeiramente Rei, Senhor dum grande Reino que nenhum poder lhe arrancará. Mas, ao longo dos séculos, muitas vezes lhe têm furtado a realeza, porque uma coisa é ser Rei e outra reinar.

O cristianismo é seiva que dá vida. É sal que dá sabor e preserva. É fermento que leveda toda a massa. Actua de dentro para fora. Não se mistura na vida profana dos homens. Antes com ela se combina. Os frutos exteriores nada significam se não lhes corresponde uma existência primeira interior.

Ora a verdade é que sendo fértil a vida social em aparências de motivos religiosos, não se vê que uma mentalidade cristã impregne aquela vida.

Dai o perigo da confusão que surge a muita gente mal avisada: tomar por presença da Igreja uma formal e mera assistência.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais esta carta do Porto:

«Sou leitor assíduo do "Gaiato" e admirador há muito da grande obra social.

E tinha prometido a mim mesmo que, quando fosse promovido, o aumento de ordenado do primeiro mês, seria para a Casa do Gaiato que tanto precisa. Esse momento chegou. Eis por que lhe envio um vale de Esc. 600\$00.

Que Deus lhe dê longa vida com saúde, para que a obra possa criar raízes mais fundas ainda.»

Lembrando-se de que a casa do Gaiato precisa, esqueceu-se das suas próprias necessidades! São assim os Esquecidos. Mais outra cartinha:

«Junto envio 100\$00 referentes a 5 meses de 20\$00, importância esta respeitante a 10% do aumento de ordenado de minha filha.»

Altas expressões. É a alma que fala. Mais 50\$00 de Gala para os pobres do Barredo. Outro tanto de Gavião. Mais de uma *agradecida a Deus Nosso Senhor* 200\$00. Quando o homem toma esta posição na vida, vê mais longe e foge à vulgaridade. Que temos nós que não tenhamos recebido de Deus? É preciso formar e viver desta convicção por causa dos antipodas... Mais de Lisboa, 20\$00 da mãe

de um bebé, para a mãe dos 8 filhos que entrou para a Casa do Património da estrada do Colégio da Formiga. Tudo muito bem explicado. E quer enviar igual soma todos os meses. Mais 100\$ de Vila Paiva Couceiro. Mais outro tanto para tuberculosos pobres. Mais 20\$ de Lamgo. Mais 100\$ de uma beira. Outro tanto de S. Pedro do Sul. Mais 20\$ de Abrantes. Mais 50\$ de Ilhavo. Mais 40\$ de Moçambique. Mais esta carta de um Capitão de Lisboa:

«Estive na Casa do Gaiato em Janeiro, com um grupo de soldados meus. De tudo o que então vimos —ele e eu— das poucas palavras que trocamos com V. de simplicidade, de consciência e de dignidade que se revelavam em todos os rapazes—no seu porte e no seu trabalho—que lições formidáveis recebemos!

Dentro das enormes responsabilidades que me cabem como educador de soldados, por quem Deus me pedirá contas, que mais poderia eu aspirar senão que tudo à sua volta os fizesse sentir a presença de Cristo, como aí se sente, ia a dizer, quase se vê.

Não só por mim, mas principalmente, pelo clarão que em visita foi para eles, como lhe estou grato, Padre Américo!»

A carta trazia 50\$ em dinheiro,

mas todo o seu valor é no conceito deste militar, quando afirma que Deus lhe pedirá contas dos soldados que educou. Mais 50\$ de alguém de Nampula. Mais 400\$ de Tete. Mais 50\$ da Lousã para a mãe dos 8 filhos. Ao assinante 16 508 de Lisboa, sim senhor. Tudo cá vem ter. Mais 200\$ de Lourenço Marques do C. Martins. Mais 100\$ de Leonor do Porto. Mais 500\$ idem. Mais 100\$ de Vizeu. *Pedindo a Deus todas as bênçãos para a Obra da Rua e seus padres e pedindo que rese pela conversão de dois ateus*, mil escudos. O senhor Pinto Barbosa ofereceu candieiros; ele é do Porto. Muitas excursões. Muitos grupos. Muitos estrangeiros. Resultado: coroas. Ora aqui está. Mais 50\$ de R. D. Lisboa. Mais 20\$ de Soure.

Nomes tais como Beira, Manica, Montepuez, Moçambique. Quilómetros de terra e mar. Aonde a força que leva a gente de lá a abrir caixas e gavetões, empacotar, expedir. O quê? Roupas que deram o seu tempo aos filhos da casa e hoje vêm acabar seus dias ao uso dos nossos filhos. Fora roupa nova e teria mais dura e mais valor, mas não trazia o bafo. Não chei-ava bem. Era das lojas. Mais 500\$ de Lisboa da Emília de Jesus. Também de Belo Horizonte; temos ali uma apaixonada,

(Continua na segunda página)

TRIBUNA DE COIMBRA

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Da última Tribuna para cá continuamos a incomodar quem encontramos nas praias. Fomos à Nazaré e ali sentimos a pobreza e o sentimento daquele povo e a humildade da sua praia. E todos os anos assim. As duas igrejas enchem-se a todas as horas. As nossas sacas enchem-se de moedas pobres. Nunca, como ali, nos vem à ideia o óbulo da vídua do Evangelho. Ninguém deu fé, mas Jesus sim. Jesus é o mesmo e observa hoje da mesma maneira. Há pouco num dia em que fomos também fazer o peditório a uma igreja de termas, encontramos à porta uma velhina a pedir. Lenço rotinho na cabeça, saia desbotada, chaile sem cadilhas. No fim, quando fomos a partir, vem ela apressada ao nosso encontro. *Meu senhor, eu também quero dar para os seus pobresinhos.* Eu disse que não e ela que sim. Despeja a saquinha no regaço, baldeia as moedas, pega na única moeda branca que encontra e, radiante, põe-na na nossa mão e exclama: *é a melhor que tenho.* Antes de entrar na igreja tínhamos visto chegar um grande carro dos mais modernos, motorista ricamente fardado; dentro uma senhora e um senhor já idosos e um grande cão de luxo. Os senhores saem e dirigem-se à igreja e o cão despede-se e fica a gemer. Assistimos todos ao mesmo acto. Aparentemente eramos ali todos iguais e irmãos; e na realidade meditávamos na desigualdade de condições humanas e na diferença de grandeza de alma! Não sabemos quanto deitaram na saca aqueles senhores, mas sabemos que não foi nada diante da moeda branca daquela pobrezinha. E somos todos filhos do mesmo Pai do Céu! E havemos ser todos julgados pelo mesmo juiz!

O peditório da Nazaré deu para cima de três contos, um anel e uns brincos e duas pessoas cumpriram os seus votos e uns sapatos dum filho que se ausentou e a mãe entregou-os a pedir a protecção de Deus para ele. Assim seja.

No domingo seguinte fomos a S. Pedro de Moel. Foi a primeira vez e, se nos derem licença iremos lá todos os anos. Uma praia modesta e recatada. Autêntica estância de repouso. Ateimaram para nos dar almoço e nós não pudemos aceitar. Deram-nos quase dois mil e quinhentos escudos, mas estava já pouca gente. Um senhor, querendo ajudar-nos mais, ofereceu-nos cinco valiosos volumes duma obra de que ele mesmo é o autor. Ficamos radiantes.

A nossa agenda de moedas, de julho para cá, tem registado alguma coisa, embora muito pouco! De Coimbra da senhora do costume por intenções do seu marido, roupas; cem na Figueira a um vendedor para a mãe mais necessitada. São tantas que nós nem sabemos qual a mais! Uma admiradora da Covilhã entregou cem a um vendedor; roupas deixadas no Castelo com o rótulo *é tudo de pessoa limpa e sábia*; o senhor do costume entregou os quinhentos para o bacalhau das Colónias; 20\$00 de visitantes; cem do Sr. Doutor da Figueira, sempre incansável, para as nossas oficinas; 20\$ de visitantes; um garrafão de vinho e sapatos e mais dum Sr. Prior por casa de quem passamos.

Cinquenta do Luso de contribuição por tocar na E. N.; outra

vez roupas da mesma senhora; roupas para nós e para os pobres e 40\$00 da mãe de um estudante de Coimbra agradecida a Deus; 200\$00 em carta em sufrágio de duas almas queridas. Deus assim o aceite. Roupas usadas de Castelo Branco por um vendedor, um carro de palha de Miranda; uma enfiada de coisas de Tábuá; 240\$00 de visitantes de Lisboa; um fio de ouro e mais duma jovem na Figueira a pedir por seus pais; 50\$00 dum visitante para as oficinas; 100\$00 dum pecador da Figueira para as nossas oficinas. Este nossas é dele. Quanto amor! Se não se reconhecesse pecador, não era capaz de nos amar! Cinco dólares de Angra do Heroísmo a pedir a Bênção e a rezar. Uns sapatos na Figueira a um vendedor; cinquenta de visitantes de Proença-a-Nova e dez escudos ao cicerone que fazia anos nesse dia. E tendo eu que ir a Coimbra aviar recados, como de costume, ele foi comigo com os dez escudos para comprar uma prenda de anos. Entramos e olhou e não gostou de nada e disse baixinho: *quero um fio de prata.* Eu disse que o dinheiro não chegava. O pequeno fitou-me e quedou-se. De lado umas pessoas ouvem. Chamam o empregado e entregam-lhe uma

quantia e este por sua vez vem entregar ao pequenito *É para comprares o fio de prata.* Eu pergunto quem, o miúdo olha com espanto e o empregado diz que não sabe. Entramos numa ourivesaria e compramos o melhor fio e uma medalha. Hoje, dia de semana, vi o pequeno na capela a assistir à Missa e comungou e no fim foi à Sacristia pedir para eu benzer a medalha. Este que hoje se vê assim amado e ama, tem o pai preso há muitos anos e entregue ao Estado por rebelde. A mãe geme por causa doutros filhos. Cinquenta de visitantes residentes na Beira e dez ao cicerone; um funcionário do comércio na Guiné veio visitar-nos e entregou 150\$00, das suas economias, pelo bom resultado dos exames de sua filha. Sobretudo os visitantes que vêm do nosso Ultramar não se atrevem a esconder o espanto que os enche a ver como nós aqui vivemos *tão contentes, tão em família, tão à vontade.* Cem para um martelo para as oficinas duma enfermeira doente de Coimbra. Mas o que a nossa agenda não sabe, nem regista são as provas de carinho que todos nos dispensam. Isto só os corações registam e guardam e Deus também.

PADRE HORÁCIO

CARTAS

«Não sei porquê sinto-me comovido ao receber notícias dessa casa. Há alguma coisa dentro de mim que vibra ao mais pequeno ou distante contacto com a Obra da Rua. Deus me ajude sempre a vivê-la no espírito e no corpo.

Muitas ocasiões tive, nestas férias, de concordar com comodismos e baixar a cabeça ao ver a burguesia ou ouvir falar dela. Deus parece que me segura a alma e me diz: «Tu não podes ser assim». E eu dou graças a Deus por não querer ser assim.

Os pobres homens do campo, com quem eu gosto muito de conversar, às vezes lastimam-me porque fico lá para baixo onde as freguesias não dão nada ao Padre; espantam-se e não compreendem quando me ouvem dizer que o que interessa não é o dinheiro. Eles não compreendem, ou melhor, não estão habituados a ver um Padre sem dinheiro. Andamos doze anos no Seminário a viver com sacrifício para melhor apreciarmos a vida larga e farta... Eu não compreendo esta religião, este tradicionalismo que já não é religião. Ai do nosso povo se não há quem lhe restaure os princípios religiosos».

Eis de como fala um próximo sacerdote, ainda no Seminário. A salvação vem da Igreja, que não do tradicionalismo. Com este entretém podem-se encher e na verdade enchem-se as igrejas, sim, mas as almas permanecem vazias. O futuro sacerdote lança o olhar em frente e chora o povo cristão, se no entretanto não aparecer quem instaure os princípios religiosos.

Mais um bocadinho de outra carta:

«O Gaiato» tem aparecido cada vez mais brilhante e mais desejado, sempre devorado de ponta a

ponta, com maior avidez!... Custa a conceber como de uma chaminha tão incerta, tão titubeante, se chegou a esta fogueira enorme que alastrou por Portugal inteiro e já começou a envolver outras nações»...

Ela vem de Bissau. Quiseramos que se não tomasse a nuvem por Juno e todos soubessemos penetrar directamente na razão suprema das coisas. Deus cria do nada. O que se torna necessário é que os obreiros se não coloquem à frente. Que se não mostrem. Que não usurpem. Basta que sonhem e a obra faz-se. Aqui está.

SE DESEJA MANDAR CONFECIONAR
TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTA
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

Do que nós necessitamos Continuação da primeira página

sempre com o pensamento voltado para a Obra da Rua, por quem peço a Deus diariamente. Ainda bem não e aí chegam livros, roupas, dinheiro, assinaturas e um grande desejo de saber coisas; tudo que se passa entre as comunidades das casas do gaiato. Ora é justamente por amor deste interesse de tantas e tantas terras, que eu me vou dedicar doravante à página do isto é a casa do gaiato. Mais 200\$ de Souselas. Mais os 50\$ de uma pecadora para a viúva da nota da quinquena. Esta pecadora tem uma virtude: a persistência. Há três anos! Já é Aveiro. Paços de Ferreira. Arcozelo, Safara. Outras terras também se apresentam a falar com encomendas postais. Mais 50\$ de Ilhavo. Mais 100\$ do Tramagal. Mais 2.000\$ de alguém que ama o Sagrado Coração de Jesus.

Foi no segundo domingo de Junho que se entregaram mais duas casas aos vicentinos de Fomalicão. Esta é a fórmula correcta; entregar a vicentinos para abrigo e uso dos seus Pobres.

Fui do Gerez para lá; melhor, fomos. Sim, fomos. Nestas Caldas, está em tratamento o africanista Amadeu Elvas, o Daniel cronista, mais o Sérgio, que, com este, é o terceiro ano de cura. Em Caldelas, por onde passamos, entrou no «Morris» Júlio Mendes, também em tratamento. Aqui perto, nas barragens do Cávado, não foi, mas está o nosso José Constantino. E como quer que tivéssemos trazido um Galato que é natural destes sítios e veio em visita a sua mãe, segue-se que um dia nos juntamos todos e por pouco mais eramos uma Casa do Gaiato!

Quanto a despesas acontece que, sendo em duas estâncias de preços subidos, ficou tudo de graça! Júlio e sua mulher foram dispensados tanto no hotel como na inscrição das águas. Aqui não, mas com as esmolas que nos deram, fizemos todas as despesas e ainda sobrou um rôr de dinheiro.

Passava das onze quando chegamos. O acto da entrega estava marcado para ser imediatamente após a missa do meio tempo e assim se procedeu. Muitos automóveis. No local muita gente.

A entrega de uma casa é sempre obra de Deus e eleva todos os circunstantes. Não há nenhum que não seja ali actor. Tenho observado a mesma coisa em todas as terras onde tenho assistido. São as palavras. São os gestos. São os olhos. E a alma toda.

Não sei se os senhores recordam termos falado em uma barraca de tonas de eucalipto, onde os vicentinos me quiseram levar de uma vez que ali fui; não sei se recordam, ainda, que por tão afilivamente estreita, a mãe não ficava em casa e se o fazia, os filhos (4) dormiam fora. Pois qual não foi a minha alegria quando meus olhos deram com aquela mesma família em sua casa, que era justamente uma das que na maré se entregaram!

Se não houvesse mais nada, isto bastaria para justificar o movimento feliz e hora oportuna de distribuir casas aos da barraca.

...

Enquanto no Gerez, não quis passar sem visitar e ver como se portam os habitantes das casas que a Empreza do Cávado entregou aos párcos de Vilar da Veiga e Rio Caldo e S. João de Covas, como aqui foi dito, ao tempo. Caras felizes. Arrumo nas casas. Uma tinha amassado e ia justamente acender o forno quando cheguei;—*meia rasiinha.* O forno é comum. O milho por ali ainda corre a 30 e a 35 escudos a ração consoante os lavradores, mas pela cara que o ano tem feito a boa gente espera e está preparada para grandes trabalhos. Todos dizem bem das suas habitações, sem saudades dos sítios onde moravam. Assinam e sublinham a lembrança de quem resolveu cristãmente o problema de cada um. Vi feixes de lenha à porta, capoeiras fornecidas, o bocadinho da horta, fontanários e lavadouros e semelhantes amigos.

ISTO É A CASA DO GAIATO

... Eram 6 horas da tarde quando eu vejo da minha varanda, ao fundo do quintal, o vulto de alguém que se aproximava.

Não distinguia, pela distância, mas a breve trecho noto que era o Manuel Cêco.

Trazia não sei que na mão, tendo por cobertura uma toalha alvinhenta. Entra. Coloca sobre uma mesa. Descobre. Um favo de mel. Era um favo de mel! Não há no mundo manjar mais rico, nem mais doce, nem mais poético, porque feito do maravilhoso das abelhas! Além do mais eu tinha agora um favo de mel na cozinha aonde habito!

Manuel Cêco conta-me de como tinha ontem procedido à tiragem e de quantos quilos colheram.

Ele tem por sócio nesta empresa o António Machado. Aqui em casa as grandes iniciativas são sempre de dois. Este é de Castro Daire; aquele é de Anadia. Com o serem de terras e de mãos diferentes, aqui são unidos. As suas horas vagas são preenchidas no aviário. Riscaram um jardim. Foram aos montes buscar rosmariño e outras ervas silvestres. Pretendem dar às abelhas do que elas mais gostam. São amigos e entendidos; sócios dignos de uma empresa doce. Têm ido a Rio Mau ouvir instruções e trazer novos conhecimentos que lhes dá o Senhor P.^o Manuel, célebre apicultor daqueles sítios. Outras vezes é o Senhor P.^o Manuel que manda aqui um dos seus homens com sentido de orientar.

Manuel Cêco fala-me com interesse do que vai ser em nossa casa este desenvolvimento. Largas previsões. Largos horizontes. Por agora já temos uma grande dúzia de merendas pelo ano fora, sim, mas isto não chega. Manuel Cêco pretende inundar a nossa aldeia e fazê-la cada vez mais doce. Vamos ter muito mel.

... Dizia eu que as iniciativas belas das nossas casas são sempre de dois. Digo belas porquanto pode acontecer e de facto tem acontecido haver outras iniciativas no meio da nossa grei, que são de muitos e não são belas. Deus não as ama. Deus não as pode amar. A Beleza Incrédula só ama o Belo. Pois como dizia, são dois os das pombas; o Carlos e o Abel.

Este é do Porto. Aquele de S. João da Madeira. O novo pombal pode-se ver por gosto. O antigo, encostado a um muro e rodeado de árvores, oferecia mau caminho às pombas, quando vinham de seus treinos. Acontecia por vezes que uma se feria nos ramos das árvores ao tentar o seu casulo e isto era uma grande dor. Todos sofriam aqui em casa a carne rasgada das pombas. Agora não. O risco do pombal é do arquitecto Teixeira Lopes e está tudo dito. Este encontra-se implantado num espaço largo e liberto de arvoredo, a uns cem metros das Alminhas.

Quem subir justamente aonde a avenida faz uma curva em frente do engraçado monumento, não tem outro remédio senão dar com os olhos no pombal. Consta na aldeia que ia ser ali colocada a figura de S. Francisco de Assis. A notícia chegou-me aos ouvidos

e eu não me segurei que não fosse à oficina dos alfaiates, de onde são os sócios do pombal. Pergunto-lhes directamente e soube que sim. Sim senhor. Ia ser na verdade colocado no pombal a imagem de S. Francisco de Assis!

Continuo com as perguntas e quis saber quem lhes tinha dado a ideia: ninguém. Fomos nós. Por minha conta e risco vou prosseguindo na conversa; gostaria que eles me dissessem porquê aquele e não Sauto António, que é português, e todo dos portugueses. É sim, mas S. Francisco é das pombas!

Deixo ficar os dois sócios do pombal na sua tarefa de alfaiates. Eles são dez ao todo. Não trabalham para fora de tanto trabalho que há na casa. Deixo-os ficar, sim, e passo junto às Alminhas em direcção não sei bem aonde,—embebido. Quando assim é, nunca levo destino. Não sei como nem aonde nem quando parar. É uma elevação total. Os dois sócios, livremente, escolheram S. Francisco de Assis por ser das pombas. Não foi ninguém. Fomos nós. De forma que estas ideias que correm e percorrem a aldeia, tão divinamente associadas, cheiram e sabem ao Eterno. Eu cuido que estas notícias singelas não-de fazer naturalmente bem, mesmo muito bem, a todos quantos vierem a tomar conhecimento delas. São tão feias e tão desconcertantes as que todos os dias aparecem nos diários!

Aqui não. Ele o mel. Ele as pombas. Qual delas a mais doce.

... E eu vou a Esposende. Foi deliberação tomada e vou sim senhor. De entre as formosas casas do Património dos Pobres, existe ali uma onde de uma vez entrei. Arrumado a um canto, era uma porção de pedras cortadas, algumas das quais com esboços de qualquer coisa. Deu-me a curiosidade e pergunto a mulher; são do meu homem. Ele faz santinhos. Não tornei ali, mas soube por um comprador, que se trata dum habitante doente e que faz santos de pedra para ganhar o pão. Este amigo que me informou, tinha ali comprado a imagem de Santo António de uns 30 centímetros de altura. E eu vou ali comprar a imagem de S. Francisco.

O homem não pede, aceita o que lhe dão. Não burila, pois não tem os precisos. É pobre. Mora numa casa do Património dos Pobres. Faz como sabe e como pode. Tudo isto que aqui digo e que parece não prestar, são revelações do que anda escondido. Revelações preciosas que vão alimentar almas preciosas. Vou ali encomendar. Val ser de granito. Um Pobre a esculpir o Pobre!

... Uma outra deliberação de todos os tipógrafos e encadernadores e empregados da expedição e escrivães e contabilistas e os mais que ali trabalham; uma outra deliberação, dizia, foi a festa de aniversário da fundação da nossa Tipografia a qual teve lugar no dia 17 de Setembro. Ninguém deu fé do que se passava e contudo os preparativos começaram de véspera. Nem o mestre em Israel, Senhor P.^o Engr.^o; nem este soube de nada. No dia

próprio todos se apresentaram de gravata e na hora própria, chamaram o Senhor P.^o Carlos para proceder à benção dum quadro do Sagrado Coração de Jesus. Foi então e só então que ele soube.

... Até ao presente e enquanto escrevo tudo isto que faz rir e faz chorar, tenho naturalmente semeado no espírito de todos a fome e a sede de nos tornarmos mais conhecidos e mais amados. Tenho sim. Mas não fiquemos só no lindo. Venha também o senão. Tenho de dizer. Preciso de dizer. São os copos de água. Na festa do aniversário da tipografia houve um copo de água.

Na festa da inauguração do pombal, outro copo de água. Como entre uma e outra viesse o dia de anos do Sr. P.^o Eng.^o, mais um copo. De sorte que meus senhores e minhas senhoras, eu que tenho vindo de tão longe e levantado esta Obra tão alto, por caminhos dilacerados, tenho justificados receios que ela venha a cair e morrer num copo de água!

... Esteve aqui há dias um grupo de trinta visitantes, todos resolvidos a ver como isto é e viram. Eram cavalheiros e senhoras. Não ficou sítio nem canto nem ponto nem nada. Chegados que foram ao refeitório dos batatas, deram com o pequenino refeitoreiro e admiraram-se de que ele não olhasse de ocupado que estava com a sua obrigação. Daí a nada, o pequenino viu-se rodeado e respondia com simplicidade a quantas perguntas lhe faziam. Eu estava presente. Contra o meu uso e costume, desta feita acompanhei os visitantes. Cada vez mais interessados à maneira que o pequenino ia respondendo, eis que sai de entre o grupo uma voz: a que horas vens tu para aqui? A resposta não se fez esperar: quando a sineta chama! Com um frenesi na alma de todos os ouvintes, nenhum olha para o rapaz. Todos se perguntam mutuamente e silenciosamente como tudo isto pode ser.—quando a sineta me chama.

As horas iam passando. Todos os dias, às seis da tarde, um dos cozinheiros larga o seu posto e vai tocar a refeitoreiros. Tenho visto que estes acodem imediatamente e tratam de pôr as mesas para a refeição, meia hora depois. Ora o relógio deu as seis. A sineta toca. Ao espanto de que já estavam tomados, junta-se agora um muito maior; o pequenino refeitoreiro, qual soldado em parada, deixa o grupo e toma conta da sua obrigação. Foi acto fulminante. Eu sou testemunha.

Sem saírem do refeitório, quiseram saber. Pedem que lhes diga como é possível. Ora nós não sabemos e foi isto mesmo que lhes dissemos. Quanto a mim acho isto uma coisa natural. Não há aqui nenhum dispêndio da inteligência nem da nossa vontade. Se tuas aquilo é heroísmo e parece que sim, pela maneira como impressiona os visitantes; se assim é, digo, não estamos naquele heroísmo. É o nosso propósito continuar até ao fim nesta santa ignorância, para que todos possam dar glória ao Autor de tais maravilhas.

... Se os senhores ainda não sabiam, ficam agora sabendo que outra galinha tirou mais uma ninhada, com seu tino e pelos seus meios. Soube ontem a notícia por um dos alfaiates, que já há muito, da janela da oficina vinha mirando a galinha nas excursões e incursões do seu ninheiro. Aqui não há nada artificial. É tudo consoante as leis da natureza. Nem estufas, nem chocadeiras, nem nada. Não queremos o fingido.

... E é por isso mesmo que em três domingos seguidos, três piquetes diferentes com seu jeito e suas faldas, convidaram senhoras de calças a ver a nossa aldeia sem sair dos seus automóveis. Nos três casos cada uma delas obedeceu. Nós cá somos assim. O que não for natural não presta.

... Um dos nossos de Paço de Sousa que foi na comitiva dos fundadores de Setúbal, escreveu há dias a um dos companheiros uma cartinha a verter saudades. Era um ponto doloroso. Ele pede ao seu amigo que interceda; que use de todo o seu poder e peça aos que aqui mandam, para ser despachado o mais depressa possível e voltar à casa que ele chama sua. Com a máxima naturalidade, o saudoso acrescenta; foi aí que eu me criei. Desta pequenina frase em sangue, faz ele ponto de apoio e com ela justifica a sua petição.

Eu li a carta. Fui o primeiro a sentir e ora, depois de publicada, muitos não-de sentir como eu. Nunca ninguém no mundo soube fazer um tamanho elogio da «Obra da Rua». Ele é do Barredo. Foi aí que eu me criei.

Todos nós recordamos a escola onde aprendemos a ler; as oficinas onde aprendemos um ofício; a terra onde nos ia bem. Tudo isto recordamos, sim, mas há algo mais alto que nos prende e apaixona por toda a vida. Mais do que a terra em que nascemos; é a casa onde fomos criados. Ninguém resiste a esta paixão!

Um nadinha mais abaixo o rapaz conta e diz ao amigo qual a sua obrigação; e que nas horas vagas manda em seis pombas galegas. Outra lição. Mais uma lição. Afinal de contas, persuadidos como andamos que somos mestres, recebemos mas é lições. Os rapazes ensinam-nos. Aquele seu mandar nas pombas, dá matéria para estudos. Poderia ter dito que trata de seis pombas, mas não. Uma vez que se encontra longe e só, tem ao menos um prémio de consolação; manda. Manda em seis pombas galegas. Parece que nasce com o homem esta paixão de mandar. O Girafita o diz na sua carta. É um erro. Sabemos que os maiores desmandos provêm justamente da paixão do mando—ainda que seja em pombas galegas.

Notícias da Conferência da Aldeia

(Continuação da terceira página)

Setembro, 60\$00. Não sei se os senhores notaram. Nós, sim. Queremos referir-nos aos subscritores-exponetores. Nada de cobranças. Nada de cobradores. Todos os meses aí vem aquela quantia certa. Se o orçamento é minúsculo e se se atrasam, passados meses chega tudo junto. Como Deus não há de amar estes zelosos amigos dos Pobres! São os eleitos do Senhor.

Julio Mendes